

PRÓLOGO

A lâmina desceu como um relâmpago dirigido à cabeça de Aewyre Thoryn. O jovem cerrou os olhos quando as faíscas resultantes do impacto entre as duas espadas embotadas lhe ofuscaram a vista já obstruída pelo visor do elmo. Aewyre deixou a arma do seu oponente deslizar pelo lado plano da lâmina da sua de modo a que a força do golpe o desequilibrasse. O adversário perdeu o equilíbrio e o jovem transformou a sua defesa num contra-ataque, girando a sua espada num arco, atingindo os rins do homem ajoelhado e prostrando-o.

Largando a sua espada, o homem deu a entender que o combate acabara. Aewyre permitiu-se um uivo de triunfo e removeu o elmo. Era um bem-parecido jovem alto e bem constituído, com cabelos negros ligeiramente ondulados que estavam empapados de suor, que lhe escorria abundantemente pela cara, colando-lhe madeixas de cabelo à testa. Aewyre estendeu a mão ao seu mestre caído e ajudou-o a levantar com um sorriso que exibia a sua dentadura branca e perfeita, uma perfeição quebrada apenas por um incisivo inferior ligeiramente saliente, consequência de uma pancada durante os treinos. Daveanorn, o seu mestre, um barbudo veterano de guerra com cabelos coroados de branco pelos seus cinquenta anos, sorria com satisfação pelo progresso do seu aluno.

— Tão dotado como o teu pai! Aezrel ficaria orgulhoso se te visse.

Vendo a súbita tristeza nos olhos escuros do jovem, que normalmente radiavam a energia de uma criança, apesar de ter mais de vinte invernos, Daveanorn pôs uma mão no ombro do seu aluno e mudou de assunto.

— Finalmente dominaste essa técnica. Demorou até eu conseguir tirar esse teu péssimo hábito de medir forças com o teu adversário. Vês agora como é muito mais útil usar a força dele para nosso proveito?

— Sim, mestre, agora vejo, mas... — respondeu curtamente Aewyre.

Pressentindo que o seu aluno queria voltar ao assunto que haviam discutido no dia anterior, Daveanorn apressou-se a interrompê-lo.

— Então que me dizes a irmos petiscar qualquer coisa e ir ter com as meninas da corte, hã? — Enfatizou a sugestão com um jovial piscar de olho e uma cotovelada no braço de Aewyre.

O jovem sorriu, mas ergueu a mão como sinal para que o seu mestre parasse de tentar retardar a conversa.

— Mestre, sabe que este assunto é inevitável.

Mais sério, Daveanorn respondeu:

— Aewyre, pensa bem. Sejamos honestos, o teu irmão nosso senhor é um bom homem e rege bem a província, mas empunha a espada tão bem como um cavalo e suja as calças cada vez que há sarilho. Ul-Thoryn precisa, para além de um regente justo e com jeito para coisas de dinheiro, de um braço forte e uma boa espada. Tu sabes que eu já estou velho e alguém de confiança tem que estar por perto para o caso de alguma coisa acontecer ao teu irmão. Esse alguém não são aquelas víboras gananciosas na corte de certeza, ou aquele mago marado com a pedra na testa...

O jovem brincava com o incisivo saliente de boca fechada, mexendo nele com a língua enquanto pensava, um hábito que adquirira.

— Mestre, não devia falar assim do nosso senhor... — admoestou Aewyre num tom jocoso. — Mas de que sirvo eu ao meu irmão? É ele o mais velho e eu passo os dias a treinar, sei lá dirigir uma província. Que lhe pode acontecer nos dias que correm hoje, morrer de tédio?

— Tão teimoso como o pai... — murmurou Daveanorn, levantando a voz de seguida. — Já vi que não vale a pena. Vai lá então, faz o que bem te apetercer.

O mestre espetou a espada na terra batida do jardim do pátio e retirou-se. Aewyre apressou-se a puxá-lo para trás e a abraçá-lo como gesto de despedida. No entanto, antes que pudesse dizer alguma coisa, Daveanorn libertou-se dos seus braços.

— Desejo-te sorte, Aewyre Thoryn, mas partes sem a minha bênção.

Sem mais uma palavra retirou-se com passos firmes e decididos. As palavras de Daveanorn haviam magoado Aewyre, que não compreen-

dia sequer por que razão o seu mestre ficara assim. Até parecia que tinha alguma responsabilidade para com Ul-Thoryn! Aereth era o primogénito, a ele lhe cabia reger a província, a ele fora passado o fardo do seu pai. Aewyre nunca se dera muito bem com o seu irmão, nem tão-pouco se dera mal, mas dizer que a relação entre ambos era uma de tolerância seria uma educada suavização. Não seria isso a demover o jovem da sua decisão. Olhou uma vez mais para a espada do seu mestre, que era também o seu amigo, e caminhou em direcção ao palácio, atravessando o pátio poeirento de terra batida para os treinos. Estava uma tarde quente e o calor tornava a armadura de couro fervido que envergava muito desconfortável. O interior de pano da armadura estava empapado de suor, o exterior tinha uma imunda crosta de sujidade e o próprio Aewyre estava encharcado e com manchas escuras na cara. Vários homens cumprimentaram-no enquanto caminhava, soldados da guarnição que cessavam os grunhidos que o esforço do seu rigoroso treino deles exigia para cumprimentarem o jovem guerreiro com acenos de cabeça e palavras de saudação. Não havia formalidades entre o mais jovem dos irmãos Thoryn e os homens da guarnição já o sabiam há tempo suficiente para isso não lhes causar confusão. A todos Aewyre respondeu com um aceno de cabeça, sem parar de andar e o estrépito de embates de madeira contra madeira renovava-se à medida que avançava.

«É melhor pôr-me um pouco mais apresentável...», pensou, passando por baixo do arco de mármore com uma panóplia de armas ao centro, que demarcava o pátio de treinos.

A terra poeirenta transformou-se em pedras calcetadas e o guerreiro dirigiu-se à caserna para depositar a espada embotada e a imunda armadura de couro. Feito isto, seguiu para Allahn Anroth, o palácio real de Ul-Thoryn, o coração da majestosa cidade renomeada em honra e memória do seu pai, Aezrel Thoryn. Atravessando vários corredores sumptuosamente decorados com tapeçarias de finas lãs, mosaicos e frescos nas paredes a retratarem cenas de batalhas, passou também pela Sala dos Reis, uma larga câmara circular da qual quatro corredores se projectavam. Como o nome dizia, os reis de Ul-Thoryn, de todo Nolwyn antes das recentes proclamações de independência das restantes províncias, descansavam nela em cima de pedestais. Os seus corpos embebidos em ouro, o metal que o tempo não conseguia deslustrar, envergavam as resplandecentes armaduras dentro das quais haviam combatido em defesa do seu país e mantinham a expressão nobre dos seus semblantes para todo o sempre. Uma enorme clarabóia

de vidro colorido retratava o brasão de Nolwyn, representado por uma águia vermelha a ascender à frente de um sol amarelo de oito pontas, cada uma representando os condados da região quando Nolwyn fora inteiro. O brasão era projectado no chão de mármore pela luz do sol que passava pelo vitral e pelo brilho da lua durante a noite. Parou por momentos na sala, assaltado, como era habitual, pelo pensamento de que o seu pai também deveria estar ali. Sacudiu a cabeça face à inutilidade de continuar a remoer sobre o mesmo assunto e continuou. O ocasional guarda saudava-o, envergando uma completa armadura metálica, ostentando o brasão de Nolwyn ao peito. Tal como a clarabóia, o brasão datava da altura em que Ul-Thoryn fora a capital de todo Nolwyn, não a presente cidade-estado. Finalmente, chegou aos seus sumptuosos aposentos, onde um banho morno o esperava junto ao fogo da lareira. Aewyre passava bem sem luxos, mas já aprendera há muito tempo que não importava quantas cadeiras lacadas deitasse fora, quantos espelhos partisse ou quantas bacias de prata usasse para alimentar os cães, os servos do palácio arranjariam sempre mais. O seu suspiro foi abafado quando tirou a camisa suja por cima da cabeça, atirando-a de seguida para cima de uma cadeira com encosto de estofa brocado a ouro. Tirou um pano de cima de um jarro prateado de boca estreita e serviu-se de um pouco de vinho fresco numa obra-prima dum cálice também de prata. Atirou o resto das suas roupas sujas para cima dos lençóis do mais fino linho da sua cama com dossel e pernas ornamentadas e entrou na água quente com uma deliciada exalação.

Já limpo, vestiu a sua armadura, uma camisa de couro de manga curta com uma coiraça para o tronco e duas espaldeiras para os ombros. Colocou os seus braços com camada de bronze, atou os dois caixotes às coxas, as grevas às suas botas, a bainha vazia ao cinto e pegou no seu escudo de borda afiada com o brasão de Nolwyn. Por fim, enrolou um largo lenço vermelho ao pescoço. Devidamente equipado, saiu discretamente do seu quarto e caminhou, sorrateiro, pelos corredores aparentemente vazios do palácio. O que ia fazer era provavelmente um disparate, mas enfim... duvidava de que o seu irmão ficasse muito aborrecido. Aewyre remoeu-se em pensamentos até chegar a uma porta vigiada por dois estóicos guardas do palácio com olhar átono, envergando armaduras completas e empunhando lanças. Os dois ergueram o seu punho ao peito em deferência, mas tão depressa voltaram às posições originais que ninguém diria que se tinham mexido. Aewyre inspirou fundo.

— O vosso senhor chama-vos, bons homens. Aereth Thoryn requisa a presença de ambos no Salão Real.

Nenhum dos dois piscou, mas ambos se entreolharam. Aewyre sabia muito bem que tinham ordens explícitas para nunca abandonar os postos. Ainda assim, reuniu todo o sangue azul que pensou ter e esforçou-se por parecer majestosamente autoritário. Pareceu conseguir, pois os guardas saudaram Aewyre mais uma vez e retiraram-se a passo rápido. Olhando para trás, o jovem abriu a grande porta e fechou-a atrás de si cuidadosamente, encostando-se a ela para contemplar o que estava num estrado no centro da sala lúgubre, iluminada apenas por um facho de luz poeirenta que incidia num bem mais precioso que todo o ouro do palácio: a espada do seu pai, Aezrel Thoryn, o campeão de Allaryia, o rei ilegítimo. A arma trouxera-a a moribunda Sarea da fortaleza de Asmodeon, onde Aezrel havia alegadamente perecido e agora encontrava-se cravada na fresta de um singelo pedestal de mármore com o nome e o epitáfio de Aezrel nele inscritos a ouro. Reunindo coragem, Aewyre avançou, subiu os degraus do estrado e admirou a arma.

A Espada dos Reis, baptizada Ancalach pelo seu pai, era uma magnífica obra de arte, bem como uma poderosa arma. O punho decorado tinha um centro largo que se estreitava em direcção ao botão adornado, o que permitia um controlo excepcional da arma com uma ou duas mãos, protegidas por copos banhados a ouro (que nunca parecia sair ou ficar riscado) que curvavam para cima. A impressionante lâmina de gume duplo feita do minério trabalhado por Istegard e depois reforjada pelo próprio Gorfannan era leve como madeira e mais dura que diamante, com uma aguçada ponta e um fio sempre afiado, como o polegar de Aewyre atestara após vários testes em sequência de uso intensivo da espada. O jovem guerreiro ainda não havia descoberto o segredo da arma, que o seu pai levava consigo, pois apesar de ser uma arma de qualidade que ultrapassava de longe os critérios dos melhores ferreiros thuragar, parecia não ter qualquer propriedade fantástica. Nas mãos do seu pai, no entanto, fora uma força destruidora imparável. Aereth, o seu irmão mais velho, guardara-a em memória do seu pai, mas Aewyre sabia que Ancalach não era algo para exhibir, mas para usar. Inspirou fundo mais uma vez e crispou os dedos lenta mas firmemente no punho da espada. Reunindo toda a sua resolução, puxou com força e a lâmina silvou ao deslizar para fora da fresta do mármore. Pronto. Estava feito. Não se permitiu pensar mais e, como uma criança que partira alguma coisa e queria

fugir antes que alguém a descobrisse, embainhou Ancalach na sua banha decorada e dirigiu-se a passos largos para a porta. Constatou que os guardas ainda não haviam voltado e correu pelos corredores, apoiando a mão no punho da espada para evitar que esta se lhe metesse no caminho das pernas. Para a sua surpresa, deu com um grupo de raparigas da corte, servas e dançarinas no corredor do seu quarto. Lynna, uma serviçal que sempre chamara a atenção de Aewyre devido aos seus cabelos louros e olhos azuis, coisa invulgar em No-lwyn, foi a primeira a falar.

— Lorde Aewyre, são verdadeiros os rumores que irá deixar-nos?

Aewyre olhou em volta nervosamente e desejou que os seus dedos crescessem o suficiente para cobrir o punho e os copos da espada. Como sabiam elas que ia partir? Não só as paredes do palácio como também as pedras do pátio pareciam ter ouvidos. Ergueu a mão livre como para parar e sossegar o grupo de mulheres que avançava inexoravelmente na sua direcção como uma maré a subir.

— Belas donzelas, os rumores são verdadeiros, não vo-lo nego, mas...

Uma mulher morena de brilhantes cabelos pretos e uma tiara de flores abriu caminho por entre as outras e atirou-se aos braços de Aewyre.

— Fique, Aewyre. Prometo que farei com que a sua estadia valha a pena...

— Agradeço a sua tentadora oferta, bela donzela, mas devo partir e...

Uma jovem de cabelos castanhos e lábios pintados empurrou a morena para o lado e beijou Aewyre. O jovem desembaraçou-se dela mas abriu a boca só para receber um beijo da limpadora de latrinas, uma mulher gorda e bexigosa. Aewyre afastou-a, enojado, mas manteve a compostura, tentando acalmar as mulheres antes que se descontrolassem e colocou-se numa galante posição de discurso, sem tirar a mão esquerda de Ancalach.

— Queridas donzelas, muito me custa de facto deixar-vos e a razão dita que eu devia ficar para ter o prazer de usufruir da vossa companhia. No entanto, algo irracional em mim força-me a partir em busca da aventura, por muito que eu possa sofrer estando longe de vós. Por isso vo-lo peço, donzelas, deixai-me partir quanto antes, levando cada uma de vós no meu coração, para que eu possa o mais breve possível saciar esta cruel demanda do espírito que me priva de vós.

Aewyre permitiu-se um suspiro de alívio, que foi abafado pelos sonoros gemidos de encanto das mulheres quando notou que as suas palavras haviam tocado os seus corações. Aproveitou a oportunidade para se escapulir e ficou satisfeito por saber que afinal as aulas de retórica com o mago Allumno não haviam sido inúteis. Como se os pensamentos de Aewyre o tivessem invocado, o mago surgiu ao virar do corredor.

Era um homem de estatura mediana na casa dos quarenta. O seu cabelo negro lúcido tinha cãs nas têmporas, era liso com uma risca ao meio e escorria pelos lados da cabeça, com uma e outra madeixa pendendo à frente da cara, que parecia invulgarmente jovem para a sua idade. Allumno tinha poucas rugas e a maior parte delas devia-se à gema escarlate que tinha incrustada na testa. Essa gema fora o último feitiço de Zoryan, o arquimago, que antes de morrer transferira a sua alma para a jóia do seu colar, que procurou um hospedeiro apropriado, tendo escolhido Allumno para esse efeito. Através dela, Allumno tornou-se num capaz feiticeiro cuja energia latente aumentava a cada dia, para além de contribuir para o bom estado da sua cara, como o mago sempre acrescentava. Tinha uma cova no queixo e envergava uma capa vermelha com capuz sobre uma camisa e umas calças brancas, ambas folgadas e as últimas enfiadas em botas grevadas por tiras de feltro. Tinha um amuleto ao pescoço que representava a cabeça dourada de uma cobra a abocanhar um rubi polido e levava um volumoso alforge de couro a tiracolo. Empunhava ainda um bastão de madeira incrustado de estranhos caracteres na ponta nodosa, na qual estava incrustado um rubi polido.

— Viva, Aewyre. Vejo que deixas para trás vários corações destruídos. Não tens pena das raparigas?

A boca do guerreiro estava aberta, mas Aewyre não conseguiu falar. Allumno fingia não olhar para Ancalach, mas Aewyre sabia muito bem que o mago a vira.

— Estás a esconder-te de alguém? Que disparate fizeste desta vez?

— Eu...

— Não, não digas mais nada. Ainda me lembro muito bem das tuas fantasias de criança. Pensei que tivesses crescido o suficiente para as tirar da cabeça, mas parece que voltaram... Não me digas, vais levar a Ancalach e partir mundo fora rumo a Asmodeon, certo?

Aewyre suspirou.

— Não há maneira de te esconder coisas, pois não?

— Esconder? Mas tu...

— Bom, de qualquer maneira... — interrompeu Aewyre, recuperado da surpresa. — A minha decisão está tomada. Vou para Asmodeon descobrir o que aconteceu ao meu pai e vou levar a Ancalach comigo. Vais impedir-me?

O mago fitou o jovem demoradamente, após o que pareceu reflectir. Aewyre teria jurado que a gema de Allumno brilhava à medida que os seus olhos se perdiam como se estivesse a recordar eventos passados.

— Igualzinho ao teu pai — disse por fim. «Tal como ele disse quando a alma de Zoryan tentou através de mim impedi-lo de ir para Asmodeon...», pensou, aparentemente divertido.

Aewyre olhou para o mago na expectativa, impaciente.

— Vou contigo — disse Allumno por fim, batendo com o bastão no chão, produzindo um som seco que ecoou pelos longos corredores. — Mesmo que não seja só pela possibilidade de te fazer mudar de ideias.

— Podes fazer o teu melhor.

— Assim farei... Suponho que informar o teu irmão da partida, seguindo os mínimos padrões da cortesia e regras de boa conduta, está fora de questão?

— Se já sabias, por que perguntaste? — retorquiu o jovem, rindo ao ver o mago abanar a cabeça.

Allumno parecia estar já equipado com tudo do que precisava, por isso Aewyre foi com ele até à cozinha, onde uma serva parecia aguardá-los.

— Olá, Kalina. Acabaram por descobrir o meu esquema, por isso o melhor é partir o mais depressa possível.

— Sim, lorde Aewyre. Aqui tendes as vossas provisões.

A rapariga morena e roliça entregou um saco que Aewyre prontamente colocou na sua mochila e fez menção de se ir embora.

— Lorde Aewyre, não vos estais a esquecer de algo?

O jovem fez um sorriso amarelo e esfregou a nuca, mas a serva pôs as mãos nas ancas e começou a bater com o pé com uma expressão admoestadora na cara. Aewyre suspirou, pegou na rapariga pelos braços e beijou-a, largando-a de seguida e deixando-a a suspirar para trás.

— És indecente — disse Allumno.

— Eu sei — respondeu Aewyre com tom despreocupado.

O mago abanou a cabeça.

Os dois chegaram ao pátio e começaram a caminhar em direcção à cidade para depois saírem pelos portões, mas Aewyre não pôde

deixar de reparar na espada de Daveanorn, que continuava cravada no chão e na qual a luz alaranjada do sol outonal se reflectia. O jovem caminhou para a espada do seu mestre e ficou a observá-la com a mão direita no botão do punho de Ancalach. Após breves segundos de reflexão, suspirou, resignado, e caminhou para a saída sem trocar mais nenhuma palavra com Allumno. Foi então que ouviu um leve tinir de sinos.

— «Oh não, ele não...» — pensou.

— Boas tardes, Aewyre! — veio uma irritante voz atrás de si.

Aewyre virou-se e fitou quem lhe dirigira palavra: Dilet, o bobo. Era um homem magro e de baixa estatura, de nariz afiado e com uma narina mais alta que a outra, que lhe dava um aspecto cómico. Os seus olhos curiosos com carúnculas bem visíveis piscavam repetidamente por baixo de longas e sempre arqueadas sobrancelhas. As suas orelhas largas apontavam para a frente e a sua larga boca ostentava duas fileiras de pequenos dentes, com a excepção de um par de incisivos parecidos com os de um coelho. Vestia um tradicional fato de bobo, colorido, berrante, com listras vermelhas e amarelas predominantes, sapatos e barrete cheios de sinos nas pontas. O homem era uma autêntica amálgama de características físicas que não condiziam, e fora nomeado bobo pelo seu irmão precisamente por isso.

— Para ti é lorde Aewyre, verme.

— Mil perdões, lorde Aewyre — disse Dilet, fazendo uma claramente zombeteira vénia. — Queira desculpar a minha humilde pessoa por vos faltar ao respeito. Então deixais-nos? Que fará o palácio sem vós? — perguntou, fingindo preocupação.

— Terão de arranjar outro para cortar a tua língua bífida, bobo.

— Oh sim, gostaríeis de me cortar a língua com essa espada que nem vos pertence. Que diria Aezrel de tão impróprio uso de tão nobre arma?

Aewyre enfureceu-se repentinamente, tanto por se ter descuidado ao ponto de permitir que Dilet visse Ancalach como pela menção ao nome do seu pai e pegou em Dilet pelo colorido colarinho.

— Nunca mais quero ouvir o nome do meu pai saindo dessa tua imunda goela, bobo. O seu nome não será infamado por vermes como tu, entendeste?

— Pe-perfeitamente, lorde Aewyre... — tartamudeou Dilet, apercebendo-se de que fora longe demais.

Aewyre empurrou-o bruscamente para o chão e retirou-se com Allumno, que olhou para o bobo e abanou a cabeça antes de ir.

— Um dia, maldito, pagarás por tudo. Isso eu juro. E tu também, mago. Não perdem pela demora... — ameaçou Dilet silenciosamente enquanto se levantava e sacudia o pó das suas roupas.

Algures, numa câmara escura, um par de pontos luminosos luzia com um intenso brilho escarlate, duas fontes de luz alimentadas por um ódio desmesurado, incomensurável. Uma manopla embateu violentamente contra a dura rocha que cercava o corpo que alojava os dois olhos, seguida por uma pancada de outra. Os embates sucederam-se vezes sem conta, e incontáveis vezes o tom seco e metálico ressoara pela câmara, numa interminável sinfonia de metal retininte. O tempo era inexistente e inútil neste espaço confinado, medido apenas por pancadas e desprovido de significado para a criatura aprisionada. Subitamente, quebrando a monotonia do indeterminado período de tempo passado, algo sucedeu. Pela primeira vez, a pedra cederá. O brilho vermelho intensificou-se e as manoplas começaram a bater com força redobrada. Sim... sim! Mas algo estava errado... As irregulares pancadas desferidas começaram a ser acompanhadas por outras provenientes do exterior. A rocha ruía. A odiada luz do astro dourado, que significava dor e sofrimento, foi bem-vinda pela criatura quando passou pelas recém-criadas frestas poeirentas na pedra. Os raios, no entanto, queimavam-no. Proferindo um som pela primeira vez desde há demasiado tempo para que se pudesse lembrar, a criatura urrou de raiva e dor, e as pancadas no exterior cessaram. A criatura, no entanto, não parou, abrindo as frestas mais e mais, até que um grande pedaço finalmente cedeu e caiu. Precipitou-se para fora com raiva, passando com a sua pesada armadura através de cascalho e pedras em queda e caindo desajeitadamente no chão. Ouviu um som que lhe pareceu estranho por em nada se parecer com o tinir metálico ao qual se habituara, mas avivou-lhe as memórias do sofrimento e dor que causara há muito tempo atrás. Ergueu a cabeça e viu três figuras, cuja mistura cromática lhe causou confusão, habituado como estava à escuridão total. Mas havia uma figura que estava curvada no chão, o seu joelho com uma mancha vermelha. Uma cor lhe despertou algo no âmago do seu ser... Vermelho... Memórias de dor... E sangue, muito sangue... Sim, *sangue*. Era isso! Como que instintivamente, levou a mão à espada, desembainhou-a e ergueu-se. As três figuras estacaram, imobilizadas pelo medo que a criatura inspirava. Sangue...

— SANGUE! — urrou a criatura com uma voz do além, cortando e talhando os corpos selvaticamente com a sua espada negra, regozi-

jando-se com os espirros de sangue que ensopavam a sua armadura e banhando-se seguidamente na essência vital das suas vítimas.

Foi então que a cor do sangue lhe avivou a memória. Sangue... vermelho... tudo lhe parecia de repente tão familiar... aço... espada... Espada! Sim, era isso!

— Aezrel? — palavreou, não compreendendo totalmente o que dizia.

No entanto, a palavra estava-lhe gravada na cabeça e cada som usado para a pronunciar avivou-se em chamas na sua mente quase vazia.

— Aezrel — disse, por fim, levantando-se.

A luz do sol incomodava-o, chegava mesmo a causar-lhe dor, mais ainda por ter passado tanto tempo debaixo de terra. Olhou em redor e viu paredes de pedra enrugada, que o cercavam e subiam de forma íngreme. Acompanhou a subida e viu que ela tinha fim, pelo que embainhou a espada e começou a escalar as paredes, alheio ao elevador de madeira que se encontrava perto das pilhas de carne sangrenta, às quais as moscas já acorriam.